

Encontro Nacional da CVX: *Para onde nos leva o Senhor?*

São Paulo, 24 a 26 de abril de 2009 – Centro Pastoral Santa Fé

POR ONDE E PARA ONDE NOS LEVA O SENHOR

Maria Clara Luchetti Bingemer

Me pedem para “recolher”o que foi dito e vivido no dia de ontem, procurando ler e perceber – e ajudar a perceber – “por onde” nos leva o Senhor. Dizer “por onde” indica e sugere caminho, método, meio: por onde andar, que caminhos escolher, que processo por em marcha? Já “para onde” indica fim, meta, telos. Podemos não saber por onde caminhar ou não ver claro esse caminho. Mas se não soubermos para onde vamos, é bem possível que nunca encontremos esse caminho.

Antes portanto de “recolher”o que já foi dito, proponho uma breve introdução do “para onde” nos leva o Senhor. Poderá parecer pretensão minha saber qual é esse “telos”. No entanto, ousar. E ousar fundamentando-me em outro. Nada menos que Inácio de Loyola. Volto, portanto, às fontes que nos são mais caras: nossa espiritualidade e seu método: os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que apesar de ser uma pessoa espiritual e mesmo um mestre espiritual, na maturidade de sua vida, escrevia balbuciantemente em seu Diário: "Senhor aonde me queres levar?

E respondia: só sei que, seguindo-te, não me perderei".

1. No pórtico de seus Exercícios, chamado Principio e Fundamento, Santo Inácio, após dizer que somos criados para louvar, reverenciar e servir a Deus e mediante isto salvar-nos. E que as outras coisas foram criadas para ajudar-nos nisso. E que portanto devemos ser livres diante de todas elas, descartando as que nos impedem disso e abraçando as que nos facilitam isto. Finalmente proclama: **solamente deseado y eligiendo lo que más nos conduce para el fin que somos criados.**

Essa palavrinha “mais”, “magis” que se tornou tão característica de Santo Inácio e sua espiritualidade e que por tanto deve ser orientação fundamental para nós já começa a iluminar a pergunta: para onde nos leva ao Senhor? Resposta: sempre mais adiante, sempre ao maior serviço, aquilo que for a maior glória de Deus. Alguém que vive dos EE. Portanto, não pode contentar-se com qualquer coisa, qualquer ideal, a média, o normal. Deve, tem o dever de sempre aspirar a mais.

E em que consiste esse mais? Para Inácio esse mais tem um nome: Jesus Cristo. Ele viveu e revelou na história o que é o máximo que um ser humano pode ser, o que é a culminância do sonho de Deus para sua criatura mais querida. Assumindo nossa condição humana em tudo e não em parte, nos mostrou que para nós, que vivemos dos EE., não é possível contentar-se com menos. Menos que o que? Menos que ser outros Cristos. Menos que a identificação total a Jesus. O único caminho para nós é o seu caminho. Melhor: é Ele como caminho. Ele é e somente Ele deve ser nosso caminho, verdade e vida.

Portanto, nossas escolhas tem que ser as suas, nossos desejos tem que ser os seus, nossas preferências tem que ser as suas preferências. Não há outra maneira de viver aquilo que nos propomos. Jesus Cristo é o que mais nos conduz para o fim para que somos criados. Ele é nosso Princípio e Fundamento.

2. Ao longo dos Exercícios, Inácio vai nos ensinar como aprender a andar por esse caminho:

- Na Primeira Semana, ao mesmo tempo em que nos faz tomar consciência de nossa condição de pecadores, nos põe em colóquio diante de Jesus Cristo Crucificado perguntando- nos, com apaixonado e agradecido arrependimento: Que fiz? Que faço? Que farei? Por ti, Senhor?

E no tríplice colóquio nos orienta a pedir a Maria, a Jesus e ao Pai conhecimento e aborrecimento dos nossos pecados, da desordem de nossas ações e do mundo que nos tenta com suas seduções vazias e perigosas.

- A Segunda Semana será um longo processo de enamoramento desse Jesus que não somente nos ama, mas nos chama a ser servidores de sua missão. A essa proposta, vindo de quem vem, somos chamados a oferecer tudo. Não algo, não o melhor de nós mesmos, não alguma dimensão de nosso ser. Mas TUDO. Recordando o “P e F”, somente desejamos oferecer TUDO. E oferecer tudo significara andar na contramão daquilo que o mundo propõe e aplaude: sucesso, riqueza, vangloria, pois dizemos que queremos e desejamos com determinação deliberada imitar a Jesus em suportar toda ignomínia, toda injúria e toda pobreza material e espiritual, desde que ele queira escolher-nos para isso e isso seja seu maior serviço e louvor.

A contemplação dos mistérios da vida de Cristo, nos quais Santo Inácio nos convida a fazer-nos presentes, vendo, ouvindo e considerando e refletindo e aproveitando vão nos identificando cada vez mais com esse Jesus pobre, humilde e seu duro e belo caminho que é, como diz Inácio na grande meditação das Duas Bandeiras, “a vida verdadeira”. Contra as falácias do mau caudilho, considerar a vida verdadeira que Jesus propõe e pedir graça para o imitar e seguir na pobreza, nos opróbrios e na humildade. Novamente: na contramão do mundo.

Mas e talvez na consideração dos três graus de humildade – que Santo Inácio diz que aí estão **antes de entrar en las elecciones, para hombre affectarse a la vera doctrina de Christo nuestro Señor**, - que está a chave mais inspiradora para que possamos captar para onde nos quer levar o Senhor. Muitos comentadores de Santo Inácio identificam o termo humildade aí como amor. Seriam então três maneiras de amor. A primeira é cumprir a lei de Deus: não se afastar dos mandamentos. Não é pouco. Mas não é o bastante. Santo Inácio recomenda no Diretório que só deve entrar em eleições quem chega pelo menos à segunda maneira de amor: a indiferença, a liberdade interior, que em qualquer circunstancia, por pior que seja, não se afasta da fidelidade a Deus. Mas é a terceira que Inácio chama de perfeitíssima: onde for igual gloria e serviço de Deus, **por imitar y parecer más actualmente a Christo nuestro Señor, quiero y elijo más pobreza con Christo pobre que riqueza, opróbrios con Christo lleno dellos que honores, y desear más de ser estimado por vano y loco por Christo que primero fue tenido por tal, que por sabio ni prudente en este mundo.**

Gostaria de frisar a importância da palavra “loucura” aplicada à vida cristã, ao seguimento de Jesus Cristo. Inácio não é o primeiro a usá-la. Já São Paulo falava da loucura da cruz. Pois bem, creio que a nós, que nos dispomos a seguir verdadeiramente a Jesus, temos que aceitar comungar de sua vida, seu destino e sua loucura. Não combinam muito santidade e sensatez. A vida de um seguidor de Jesus Cristo não pode ser cômoda, fácil e unânime. Nelson Rodrigues dizia que toda unanimidade é burra. Pois aqui também. Uma pessoa, uma comunidade que suscita unânime aprovação, aplauso, concordância, que nunca tem que enfrentar um conflito, e de se perguntar se esta realmente seguindo Jesus Cristo. Se de Santo Inácio foi dito, já desde o começo de sua trajetória que “aquele peregrino era um louco por Cristo”, seria preocupante se de nós nunca fosse dito algo parecido.

Que loucura é essa, que me parece um componente essencial de por onde o Senhor nos leva, e que apareceu ontem nas falas de Sonia e do Pe. Palácio, ainda que com outros nomes? Trata-se da loucura do amor. Amor que brilhou como serviço incessante e até o fim na vida de Jesus; que se enterrou como grão de trigo que consente em morrer para que haja trigo nos campos e pão na mesa do povo, em sua Paixão; que se derramou sobre seus desolados amigos como consolação, paz e alegria, como Espírito vivificante em sua Ressurreição. Loucura pascal, loucura do amor da qual todos temos que estar contaminados.

A Contemplação para alcançar o amor, exercício que faz o transito do exercitante do retiro para o mundo onde deve viver sua missão fala deste amor, que deve por-se mais em obras que em palavras e que consiste em dar o amante ao amado tudo que é, que tem, que possui. E onde Inácio nos convida a dar graças por tanta graça recebida mas sobretudo pela maior das graças que é o desejo ardente do Senhor em dar-se a nós e que para isso apenas deseja nosso consentimento e nossa abertura.

3. Essa é a espiritualidade que vertebrava nossas vidas enquanto batizados, como testemunhas, como sacerdotes, profetas e reis. E concretamente para nós, aqui e agora, enquanto membros CVX. Amar com todas as consequências do amor de Jesus Cristo. Que implicações isso tem no caminho por onde nos quer levar o Senhor hoje, aqui e agora?

a) Para sermos visíveis – não ter medo. Ousar. Criar. Não ter medo da perseguição, etc. Mas também não ter medo da loucura de pensar grande, de desejar grande, de aspirar ao melhor, de lançar-se em direção ao bem mais universal, de seguir as moções do Espírito, que não é de timidez, mas de audácia. Não se contentar com pouco. Não há lugar para a mediocridade ou para a temperatura morna em nosso estilo de vida e em nosso carisma. Não cortar nossas próprias asas. Não ter medo a expor-se e arriscar. Isso, bem discernido e bem situado pessoal e comunitariamente, é humildade e não soberba, como o mau espírito disfarçado em anjo de luz poderia fazer-nos crer à primeira vista.

b) A CVX não tem uma atuação apostólica pré-determinada, como outros movimentos e associações. Em nossos PP GG está escrito que somos “predestinados para nada, disponíveis para tudo”. Ou seja, o Senhor nos pedirá aquilo que for necessário, mais necessário e mais urgente, para seu

povo que ele ama. Para isso nos amou, nos escolheu e nos enviou. Para servir esse povo naquilo que o povo precisa. E não naquilo que satisfaz nossa consciência e nos faz dormir sossegados. É necessária portanto, muita atenção, muita informação, ouvidos muito abertos, olhos idem, formação adequada, para perceber aonde hoje o Senhor nos envia, a que fronteira, a que submundo, a que esterilidade, a que indiferentismo. Evidentemente a comunidade é uma preciosa ajuda para isso, mas também a exposição à realidade, a ausculta dos sinais dos tempos e a abertura dócil, com ouvido de discípulo às moções do Espírito Santo, que moverá para a ação.

- c) Seremos visíveis mais pelas obras que pelas palavras. Sonia e Pe. Palácio foram concordantes em afirmar isso. O amor se mede mais em obras que em palavras. Nossa prática, nossa vida é que evangeliza e nosso discurso deverá simplesmente respaldar a vida. Assim aconteceu com Jesus de Nazaré. O que lhe criou uma crise e um conflito não foi o que falava. Mas o fato de agir “subversivamente” e implicar nessa ação subversiva o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Suas palavras respaldavam seus atos que eram o que ao mesmo tempo fazia que o povo, seduzido, ficasse pendente de seus lábios e que os poderosos tramassem incessantemente como eliminá-lo porque incomodava. Pe. Palácio ontem frisava bem que o ser humano de hoje não escuta mais os mestres. Escuta as testemunhas. E se escuta os mestres, é porque são testemunhas. Por que pessoas como Dom Helder Câmara, Dom Luciano Mendes de Almeida eram escutados e respeitados? Por serem brilhantes oradores? Não primeiramente, mas por serem testemunhas coerentes e fiéis que sabiam expor com beleza e unção aquilo que viviam. Por que figuras que não são sequer cristãos como Gandhi ou o Dalai Lama provocam em nós sentimentos de respeito, reverência, admiração? Porque são testemunhas coerentes e críveis daquilo em que crêem e que vertebram sua vida. E por isso ajudam a mudar outras vidas.
- d) Pe. Palácio, citando Nairobi e Fátima, nos deixou bem claro ontem que enquanto pessoas e enquanto comunidade somos urgentemente convidados hoje a passar “da moção à missão”; passar de ser “comunidades de cultivo espiritual” a ser “comunidades apostólicas”. Por outro lado, o Pe. Nicolas, em diversas ocasiões chamou a atenção para a importância do “caminho interior” para dar as respostas adequadas ao mundo de hoje. Sermos de Deus em meio ao mundo, estarmos no mundo sem sermos do mundo, é isso que é pedido de nós hoje. Por isso nossa veracidade enquanto corpo apostólico dependerá em boa parte de sermos corpo discipular. O ouvido de discípulo, aberto e dócil, pessoal e comunitariamente, é a condição de possibilidade de sermos apóstolos, apóstólicos, mensageiros da Boa Notícia. E essa Boa Notícia é que existe uma maneira nova de viver, como disse o Pe. Palácio, não fundada sobre condição social, raça, sexo, partido ou mesmo religião (cf. Gal 3,28). Essa maneira de viver, essa vida verdadeira, chama-se Jesus Cristo, que deve ser a marca distintiva de nossas comunidades de vida cristã, que assim como a Companhia de Jesus, Inácio quis e quer e quereria que se chamassem: de Jesus.

e) Para ser visível, apostólica e exercer uma liderança real e positiva na sociedade e na igreja hoje, a CVX necessita ser profética. Ou seja, possuída pelo Espírito de Deus para ser porta-voz desse mesmo Deus em meio à história. Para isso necessita ser contra cultural. Andar na contramão foi uma característica de Jesus Cristo e seus seguidores desde sempre. Conosco não pode ser diferente. Ser sinal de contradição, questionar por seu comportamento, por sua tomada de posição, por sua conduta, é o que nos é pedido a cada momento. Assim foi com Jesus. Era igual a nós em tudo, menos no pecado. Vivia o que nos vivemos, mas seu modo de viver era outro, tinha outra lógica. Não a lógica da retribuição, mas da restauração. Não a lógica simétrica do comércio de relações, mas a lógica do amor. Não a lógica do efêmero e do descartável que erode de todas as partes as relações humanas, mas a lógica do amor apaixonado e ardente que ensina que se o grão de trigo não morrer fica só, mas se morrer dá muito fruto. E ensina que o único caminho para ganhar a vida é perdê-la. Com gosto e alegria. Nossa vida, para VALER A PENA, como disse Sonia ontem, tem que ser pascal. Configurada ao mesmo tempo pela loucura da Cruz e pelo gozo pascal da Ressurreição. Enquanto corpo apostólico e profético somos chamados a levar as marcas de Jesus para que a vida de Jesus se manifeste a serviço dos outros. Paradoxalmente é o fato de sermos um corpo marcado pela Paixão do crucificado que nos fará atraentes e visíveis para um mundo que anda desesperado em busca do sentido da vida, querendo acreditar em qualquer coisa, fazendo fila na porta dos gurus e dos xamãs, buscando desenfreadamente experiências sensíveis e catárticas afetivamente para sentir-se vivos.

Por isso, à pergunta : “Por onde nos leva o Senhor?” tendo visto tudo que aqui se viveu, ousamos algumas prioridades, que deverão ser discernidas e confirmadas pela oração, pela orientação espiritual, pela crítica comunitária. Sem pretender substituir-nos ao Espírito, que é o único que sonda as profundezas de Deus e portanto é o Único que pode conduzir-nos onde e por onde o Senhor deseja, vemos que:

1. O Senhor nos chama a uma radicalidade de vida. Não a uma vida média de bons católicos que cumprem preceitos. Nossa vida como pessoas e como comunidade deve ser radical em termos de resposta ao amor com que somos amados em termos de serviço amoroso e humilde. Para viver isso e ajudar outros a vivê-lo, os Exercícios são um precioso caminho. Creio que nossa primeira prioridade enquanto CVX teria que ser fazer – completa, inteira – a experiência dos EE. Com todo seu rigor e exigência: personalizados, acompanhados, retirados. Não há mais desculpa para não fazê-los. O Senhor nos pede não nos contentarmos com pouco. Não nos contentemos com pouco também em termos dos Exercícios. Ali está nosso lugar de encontro com Jesus Cristo e nossa oportunidade de sermos configurados realmente a Ele. E fazendo-os, os que se sentem chamados a isso, dá-los. Há muitas pessoas que poderiam dar muito fruto passando pelos Exercícios. Façamo-nos disponíveis para eles e elas.

2. O Senhor nos envia às fronteiras da nossa época, ali onde a humanidade está mais ferida, ali onde o sofrimento é maior, ali aonde ninguém quer ir, ali onde acontece o caldo de cultivo de chagas que marcarão gerações. Dou alguns exemplos, meramente indicativos: servir os pobres, recuperar os drogados, acolher os sem teto, sem chão, sem companhia, combater a violência proclamando que a justiça de Deus não é retributiva mas restaurativa através do perdão e da reconciliação (ESPERE citada pelos grupos).
3. O bem, diz Santo Inácio, quanto mais universal, mais divino. Creio que temos praticado pouco isso de buscar uma maior universalização do bem que o Senhor nos permite realizar. Raramente vejo membros ou comunidades CVX assinando cartas de leitores em jornais quando a justiça é vilipendiada, organizando vigílias contra violências perpetradas contra inocentes, escrevendo artigos na internet, na mídia em geral para formar opinião na direção do evangelho. Fazer-se visível hoje não pode prescindir de estar na mídia, devendo a comunidade buscar os canais possíveis para isso ou mesmo criar canais para tal. (ex. Amai-vos). Somos tímidos no momento de nos expor. E preciso varrer esse medo longe, pois como diz 1 Jo: "No amor não há temor. Antes o perfeito amor lança fora o temor, e quem teme o castigo não é perfeito no amor".
4. A presença nos areópagos da modernidade é sem dúvida um lugar muito apropriado para os membros e comunidades CVX. Cito dois: os MCS, as universidades. Lugares onde a secularidade e a pluralidade acontecem com toda a sua força e onde o Evangelho deve entrar como fermento na massa, como grão de mostarda. Pequeno, humilde, sem impor, mas expondo-se, dialogando, fazendo diferença. Aí também estão as fronteiras às quais o Senhor nos envia.
5. A colaboração com os jesuítas na missão. Sabemos os que como eu estamos há muito tempo neste caminho que este é um casamento que tem tudo para dar certo, mas que tem tido não poucos percalços pelo caminho. Creio que é mais que tempo de terminar com a lamentação de que os jesuítas não nos apóiam, ou nos apóiam pouco, ou não acreditam em nos, não nos convidam para trabalhar com eles, etc. Buscar que essa colaboração aconteça de maneira mais positiva e propositiva. Não esperar que os jesuítas venham nos pedir tarefas, trabalhos, ajuda. Adiantarmo-nos, ir até eles. Fazer projetos e proporlos. O anterior geral da Companhia de Jesus, Pe. Peter Hans Kolvenbach disse isso explicitamente em discurso a colaboradores leigos no Chile: Sejam criativos. Façam projetos. Os jesuítas os seguirão". A citação não é literal, mas tenho certeza de que o sentido é esse.

Creio que talvez essas pequenas reflexões possam nos ajudar a buscar e encontrar a vontade do Senhor para nos hoje. Em todo caso, nos anima uma convicção: Ele não deseja que tenhamos êxito, sucesso. Mas que demos fruto. E

é claro que esses frutos muitas vezes se dão na obscuridade da terra, do sacrifício silencioso, da dedicação anônima e não se sabe nem o nome das pessoas a quem são devidos, das sementes que os possibilitaram. Importa é que haja frutos, para que haja alimento e para que o mundo creia. Mas para isso é necessário paixão, dedicação, coragem, ousadia, entrega radical no seguimento de Jesus e no serviço a sua missão.

Termino com um salmo de um amigo muito querido, o superior regional de Cuba, Pe. Benjamin Gonzalez Buelta SJ. Sem maiores comentários, pois a poesia orante diz muito mais saboreada:

LUZ

Não nos chamas
a iluminar as sombras
com frágeis velas
protegidas dos ventos
com as palmas da mão,
nem a ser puros espelhos
que refletem luzes alheias,
cotizadas estrelas
dependentes de outros sois,
que como amos da noite
fazem brilhar as superfícies
com reflexos passageiros
ao seu bel prazer.

Tu nos ofereces
ser luz desde dentro, (Mt 5,14)
corpos acesos
com teu fogo inextinguível
na medula do osso (Jr 20,9)
sarças ardentes
nas solidões do deserto
que buscam o futuro (Ex 3,2)
rescaldo de lar
que congrega os amigos
compartilhando pão e peixes (Jo 21,9)
ou relâmpago profético
que risque a noite
tão dona da morte.

Tu nos ofereces
ser luz do povo (Is 42,6)
fogueiras de pentecostes
na persistente combustão

de nossos dias
acesos por teu espírito,
ser luz em ti,
que és a luz,
fundido inseparavelmente
nosso fogo com teu fogo.